

FÓRUM DE DEBATES DE PESQUISA

SEMIÓTICA E ARTE



ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE SEMIÓTICA:
REGIONAL SÃO PAULO

A Origem da Cena

HELENA KATZ (Doutoranda Comunicação e Semiótica:PUCSP)

No sistema astronômico de Copérnico, todos os movimentos obedecem às mesmas leis universais. Movimento, mudança: materialização no vazio que está cheio de ar, deslocamento pela trama do espaço que reconfigura os volumes das dimensões que não se dão a ver. Leis universais: regularidades vestidas de generalidades num campo comunicativo. A reunião insólita daquilo que não se fixa com o que fixa a moldura que dura.

Um corpo que dança é a objetivação mais clara da fricção entre estas duas configurações. Um todo que hospeda e escancara a co-habitação entre a unidade eleática da Razão (o corpo enquanto estrutura) e o logos do pluralismo (o corpo enquanto sítio de ocorrência de danças).

Ler o corpo como um conjunto ativo e ativador de falas proliferantes e diversificadas. Cada qual se engendrando como um permanente fazer desfazer que não descaracteriza a unidade parmenídea do corpo que se profere a si mesmo. Corpo que é construção. Danças-falas que descrevem os objetos de seus mundos através dos próprios pertences destes mundos. Uma arquitetura de designações.

Como evitar a dispersão de sentidos? Como delimitar a polissemia?

UM BIG BANG: A PERCEPÇÃO

Uma fração de segundos depois que olhos, nariz, ouvidos, língua ou pele são estimulados, se dá o reconhecimento de um objeto familiar. O fenômeno tem o seguinte nome técnico: percepção pré-atenciosa.

Atualmente, conhece-se o processo inicial de análise de mensagens sensoriais do córtex cerebral (a crosta externa do cérebro), mas muito pouco a respeito do modo como o cérebro combina as mensagens sensoriais que recebe com as experiências passadas que armazena.

O processo de percepção só pode ser entendido como produto da cooperação entre os milhões de neurônios que se encontram espalhados pelo córtex cerebral. Os agrupamentos de neurônios trocam, abrupta e simultaneamente, um padrão determinado, mesmo um padrão complexo, por outro, ao mais ínfimo dos estímulos. Tais trocas ocorrem dentro de um sistema caótico. O caos descreve um comportamento complexo que, apenas na sua aparência se mostra aleatório, pois que, efetivamente, apresenta uma ordem embutida.

Há suposições de que o caos é que possibilite ao cérebro a flexibilidade de responder ao mundo externo e a gerar novos padrões de atividades, inclusive, criando idéias novas. Não se trata de um produto subsidiário da complexidade do cérebro. O caos controlado da atividade cerebral parece ser a principal característica a diferenciar nosso cérebro da inteligência artificial.

Graças ao caos, o cérebro produz continuamente padrões novos de atividades. Segundo Walter J. Freeman, professor de neurobiologia na Universidade da Califórnia, em Berkeley, "tais padrões são cruciais para o desenvolvimento do conjuntos de células nervosas que irão diferir dos conjuntos estabelecidos. De modo geral, a habilidade para criar os padrões de atividades pode formar a base da habilidade do cérebro em gerar *insights* e as 'tentativas' das soluções de problemas via tentativa-e-erro".

Os neurônios corticais recebem pulsos contínuos nos seus dendritos. Os pulsos são transportados para junções especializadas, conhecidas como sinapses. Alguns pulsos geram ondas excitatórias de corrente elétrica, e outros produzem ondas inibidoras. As correntes dendríticas são alimentadas pelo corpo da célula (que contém o núcleo) até uma região conhecida por "zona de disparo" (*trigger zone*). Lá, as correntes cruzam a membrana da célula em direção ao espaço extracelular. Como este espaço é atravessado por correntes oriundas de milhares de células, nele não se reflete o estado excitatório de um neurônio, mas o de agrupamentos deles.

Supõe-se que neurônios que tenham sido estimulados por outros neurônios durante um processo de aprendizagem se reúnam em conjuntos de células nervosas, e que tais agrupamentos sejam o repositório das associações passadas e, simultaneamente, participantes ativos na erupção de novas sinapses. Segundo a regra de Hebb, sinapses entre neurônios que se conectam juntas se tornam mais poderosas sempre que a sincronia da corrente for acompanhada por recompensa. A corrente cerebral solta 'moduladores' químicos no bulbo e no córtex durante a recompensa.

Embora extremamente importante para a ocorrência da percepção, sozinho, o conjunto de células nervosas não provoca a erupção da atividade coletiva no bulbo. O cérebro vai buscar informação quando nos leva a ver, a prestar atenção, a cheirar. O sistema límbico (a parte do cérebro que se pensa envolvida com a emoção e a memória) auto-organiza a sua atividade e dirige um comando de busca para os sistemas motores. Assim que transmite o comando, o sistema límbico alerta todos os sistemas sensoriais que se preparem para responder à novas informações.

A resposta ocorre pela participação de cada neurônio de uma dada região numa atividade coletiva: uma erupção. A atividade sincronizada em cada sistema é, então, transmitida de volta ao sistema límbico, onde se combina com outras, enviadas por outros sistemas sensoriais, para formar uma *gestalt*. Em seguida, numa fração de segundo, acontece outra busca de informação, e os sistemas sensoriais são novamente preparados através de re-aferição.

Para Walter J. Freeman, a consciência pode resultar da experiência subjetiva desse processo recursivo de comando motor/re-aferição/percepção. "Caso assim seja, permite ao cérebro planejar e se preparar para cada ação subsequente na base de ação passada, *input* sensorial, e síntese perceptiva. Resumindo, um ato de percepção não é a copiagem de um estímulo que chega. É um passo na trajetória através da qual o cérebro cresce, se reorganiza e se lança ao meio para mudá-lo em seu próprio benefício... Sem a proteção das portas da percepção- isto é, sem a atividade caótica auto-controlada do córtex, de onde brotam as percepções- pessoas e animais seriam subjugados pelo infinito".

Para Roger Penrose, matemático da Universidade de Oxford, colaborador de Stephen W. Hawking em algumas teorias em cosmologia, a consciência emerge no contato entre o mundo macroscópico e o mundo quântico. Os conceitos brotados num passam a tráfegar no outro.

Já Peirce, diz que "...A Consciência é como um lago sem fundo no qual as idéias estão suspensas em diferentes profundidades. De fato,

estas idéias mesmas constituem o medium da consciência. Os perceptos, sozinhos, estão à descoberto no medium. Devemos imaginar que há uma queda contínua de chuva no lago - o que retrata o constante afluxo de perceptos na experiência. Todas as idéias que não perceptos são mais ou menos profundas, e nós podemos conceber que há uma força de gravitação de modo que quanto mais profundas as idéias, mais trabalho será necessário para trazê-las para a superfície... Não apenas todas as idéias tendem a gravitar em direção ao esquecimento, mas devemos imaginar que várias idéias reagem, umas sobre as outras, por atrações eletivas. Isto retrata a associação entre idéias que tendem a se aglomerar em idéias singulares... "(CP: 7.553).

"... Estas idéias suspensas no medium da consciência, ou antes, elas mesmas partes do fluido, são atraídas umas às outras por hábitos associacionais e disposições- o primeiro em associação por contiguidade, e o outro em associação por semelhança..." (CP: 7.554).

MOVIMENTO: A IMPORTANCIA DA MODELIZAÇÃO

De acordo com a doutrina peirceana do sinequismo, a mente se expande continuamente, e todas as mentes se fundem umas nas outras (CP: 1.170). O universo da mente coincide com o universo da matéria, uma vez que para Peirce a matéria não passa de uma forma especial de mente. Matéria como mente congelada ou subdesenvolvida (CP: 6.101, 6.173, 6.201, 6.613).

Na medida em que o significado de um pensamento se revela em outro pensamento, que por sua vez, se revela em outro, numa sucessão permanente e contínua, inexaurível, não se pode contar com explicações infalíveis do real. Significado fadado à incompletude. Jamais a segurança da coincidência integral com o seu *denotatum real*.

Evidentemente, há que se garantir a continuidade dos vínculos entre o pensamento e seu significado. Segurança que se encontra na semiose, essa descrição de um permanente engendrar de significados que lê o mundo pela ótica da intermediariedade.

Nesse sentido, o pensamento aparece sempre como um vir-a-ser, uma virtualidade que busca o 'real'- seja lá o que o 'real' possa efetivamente ser. Em termos de categorias peirceanas, finca suas raízes no domínio do ícone, da primeiridade, do rema. Daquilo que é vago, mas que tem forma. Do que é prévio, estado de gestação.

Sendo o ícone uma das três possibilidades de relacionamento que um signo pode estabelecer com o seu objeto (as outras duas são ser índice ou ser símbolo), e sendo ele portador de uma propriedade monádica, não-relacional, lhe sobra, como recurso exclusivo para conseguir ser signo de um objeto, a possibilidade de identificar-se com ele.

"Uma simples possibilidade é um ícone puramente por força de sua qualidade e seu objeto só pode ser uma primeiridade" (CP: 2.276). Como o ícone se instala na região das qualidades sem ocorrência, a única possibilidade de um ícone ser idêntico a seu objeto é ser formalmente idêntico a ele.

Chegamos à origem da origem: tudo o que brota, brota como forma. Mais adiante, num processo de associação por semelhança, esta forma ganhará vividez. Forma: atrator de similitudes e parencas. Forma: meu passaporte de ser vivo.

Assim sendo, também o pensamento nasce como forma. Segundo Jean-Pierre Changeux, titular da cadeira de Comunicações Celulares no Collège de France, o pensamento pode ser considerado uma forma de atividade espontânea, assim como o sonho. Com um reduzido número de componentes moleculares se desencadeia e se mantém, a nível celular, uma atividade espontânea. Numa lesma marinha, bastam três células nervosas para produzir uma atividade rítmica com a regularidade de um relógio.

Nos seres humanos, na 10ª semana de vida fetal, antes mesmo que os órgãos dos sentidos se tenham desenvolvido, surgem células nervosas com atividade oscilatória deste tipo. A 'atividade espontânea' permite ao embrião realizar 'experiências' que, à princípio, ocorrem internamente (entre o sistema nervoso e os órgãos embrionários ou entre os diversos centros nervosos) e, à medida que os órgãos dos sentidos vão se tornando funcionais, as 'experiências' se voltam para o exterior. Trata-se de comportamentos fetais muito rudimentares.

Refazendo um possível percurso de formas que se articulam por semelhança (iconicamente, portanto):

- *ocorre uma ignição espontânea
- *os conjuntos celulares iniciam uma dinâmica (pré-mapas)
- *o meio interno, relacionando-se ou não com o externo, produz os mapas)
- *os mapas se tornam mônadas, quase-hipóteses
- *por ação das qualidades de sentimento, as mônadas se procuram, através da identificação formal
- *o agrupamento formal das quase-hipóteses gera uma hipótese de semelhança, ou julgamento de percepção.

Não é outro o caminho que o movimento percorre até se instalar, materialmente, num corpo físico. Movimento: semiose em concretude máxima. A mais aguda evidenciação dos mecanismos infinitos da tradução que não finda na cadeia que tece os significados. Criação. Comunicação icônica eleita para processo de modelização.

Eleger a semiótica peirceana para modelo de criação de movimento significa consagrar a dinâmica do processo de estruturação no lugar do estado do estar estruturado. Movimento como o que nunca está plenamente determinado. Movimento sem fim definível.

Ao apresentar o movimento como signo, se garante que a forma- o objeto deste signo- está incorporada ao sujeito num momento anterior ao da sua comunicação. De certa maneira, a forma permanece independente do signo, apesar do signo, através do seu objeto, significar a forma simultaneamente ao que a forma é (Merrell, 1990).

A forma como o que se produz no cérebro a partir daquele primeiro influxo nervoso que tem ignição espontânea. Em linguagem peirceana, se diria, então, que todo processo de percepção começa por um ícone puro. Nesta forma que já respeita uma forma anterior, determinada pelo padrão bio-mecânico do nosso esqueleto e do nosso cérebro. E que só pode deixar seu estado virtual e se apresentar no corpo como resultado de um processo de criação que também pode ser chamado de semiose.

O movimento entendido como signo assalta o corpo e o molda, promovendo um ajuste permanente, contínuo e infindável entre seu padrão e o padrão pré-existente. Eis uma hipótese sob medida para desinstalar dos pensamentos os preceitos do controle, da ordem e do significado absolutos. Modelo que vincula a origem desta cena à cena das origens de todas as suas manifestações.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CHANGEUX, Jean-Pierre. Entrevista realizada por Didier Eribon para o jornal *Le Monde*, 31/10/82, e publicada em O Indivíduo (1989), 53-60. São Paulo: Ed. Atica.

FREEMAN, Walter J. *The Physiology of Perception*, em Scientific American, 78-85, fevereiro/1991.

GASC, Jean-Pierre (1987). A Aventura Prodigiosa do Nosso Corpo. Lisboa: Edições 70.

JOHNSON, George. *New Mind, No Clothes*, em The Sciences, 30-4, 44-49, julho-agosto/1990.

MERRELL, Floyd e Myrdene ANDERSON. *Mundos variáveis, modelizações semióticas*, em Face 3-1, 29-44, 1990.

ROSE, Kenneth Jon. O Corpo Humano no Tempo. São Paulo: McGraw-Hill, 1989.

SANTAELLA, Lucia. *Do Ícone Puro à Metáfora: Seis Graus de Iconicidade*. Trabalho apresentado no CS Peirce Sesquicentennial International Congress, em Harvard, USA, realizado entre 4 e 10/09/89.